

FLOOD, Gavin. *Uma Introdução ao Hinduísmo*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2014, 426p.

*Matheus Landau de Carvalho*

## RESENHA

---

Publicado pela Editora da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) em 2014, *Uma Introdução ao Hinduísmo* tem como objetivo fornecer ao leitor um panorama compreensivo do Hinduísmo através de um levantamento histórico e temático da enorme diversidade de tradições que o constituem, apontando para os elementos em comum que evidenciam sua coerência interna, assim como para suas aparentes inconsistências, sem deixar de considerar forças culturais contemporâneas de formação de uma identidade hindu, num contexto marcado pelas tensões e negociações inerentes ao processo de globalização. Ao longo de onze capítulos, o autor Gavin Flood lança mão de fontes arqueológicas, historiográficas, filosóficas, antropológicas, linguísticas, sociológicas, literárias, jurídicas, ritualísticas e biográficas, assim como de textos sagrados hindus, salientando sua opção por uma abordagem metodológica plural e exterior às tradições hindus.

O Professor Doutor do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião (PPCIR) da UFJF, Dilip Loundo, tradutor da obra ao lado da Bacharel em Humanidades Fernanda Winter, ressalta, em seu Prefácio, a importância da publicação dessa edição brasileira de *An Introduction to Hinduism* por ela disponibilizar uma obra atualizada, introdutória e abrangente sobre a pluralidade das tradições hindus em seus aspectos históricos e contemporâneos, preenchendo uma lacuna nas publicações em língua portuguesa no Brasil sobre a civilização do subcontinente indiano. A publicação também reflete os esforços pioneiros de promoção dos estudos de religiões orientais do Núcleo

---

<sup>1</sup> Mestre em Ciência da Religião, PCCIR/UFJF. Email: matheuslcarvalho@ig.com.br

de Estudos em Religiões e Filosofias da Índia (NERFI/CNPq), criado em 2010 como parte integrante do PPCIR/UFJF e coordenado pelo Prof. Dilip Loundo. Além disso, a publicação constitui, ainda, um resultado concreto do intercâmbio acadêmico entre o PPCIR/UFJF e o Oxford Centre for Hindu Studies & Faculty of Theology da Universidade de Oxford.

No primeiro capítulo (“Pontos de Partida”) o autor traça um breve histórico da palavra “Hinduísmo”, apontando para as dificuldades de sua definição, utilizando-se da “teoria dos protótipos” como uma resposta à questão. Flood salienta o problema da aplicação de categorias ocidentais para compreensão de realidades orientais, assim como a necessidade de compreensão dos termos *Veda*, *dharma* e *mokṣa* e as perspectivas pelas quais o politeísmo é vivenciado pelos hindus. O autor considera a importância das relações entre o sagrado e o mundano nas tradições do Hinduísmo, aludindo a três de suas vertentes principais, e destacando também a existência do equilíbrio entre conservadorismo e adaptabilidade. Flood menciona alguns debates contemporâneos nas ciências humanas sobre o Hinduísmo, apontando para o pensamento hindu sobre tempo e historiografia, e concluindo com um esboço de uma cronologia do subcontinente indiano.

O segundo capítulo (“As Origens Remotas”) objetiva identificar as origens do Hinduísmo, assim como analisar a religião védica da sociedade antiga indiana e as principais características urbanas, econômicas e culturais autóctones presentes uniformemente por toda a civilização do vale do Indo, além dos desafios à descoberta de suas realidades políticas e linguísticas e as continuidades e rupturas com realidades hindus posteriores, analisando os argumentos em torno da teoria da migração ariana e da tese da transformação cultural. Flood aborda os *Vedas* como registro literário e tradição oral, a maneira pela qual são organizados em categorias textuais e escolas de transmissão oral, assim como questões sobre sua datação, realizando explanações das dimensões simbólica, social, política e pragmática do ritual hindu, sua ligação com as divindades, os principais aspectos da mitologia védica, as especulações sistemáticas sobre a natureza do sacrifício védico, a importância da homologia cósmica no universo védico e os desdobramentos sociais da ritualística e filosofia védicas.

No terceiro capítulo (“*Dharma*”) Flood aponta para o contexto histórico, as fontes e o modo como o conceito polissêmico de *dharma* adquiriu proeminência no Hinduísmo,

a natureza e importância das tradições textuais dos *Śrauta Sūtras*, dos *Gṛhya Sūtras*, dos *Dharma Sūtras* e dos *Dharma Śāstras*, assim como de uma “sensibilidade contextual” do *dharma* conjugado com a ortodoxia brāhmaṇica. O autor analisa as dimensões seculares e religiosas do sistema *varṇāśramadharmā*, os desafios no esforço de distinção entre os termos *varṇa* e *jāti*, assim como na compreensão da intocabilidade na sociedade hindu. Também descreve o *modus vivendi* de cada *āśrama*, analisa a construção dos papéis de gênero pela literatura *brāhmaṇica*, as coordenadas sociais que determinam os critérios de pureza e auspiciosidade, as características religiosas do rei hindu, a natureza cosmológica da segmentação do Estado hindu, as dinâmicas políticas e econômicas do sistema *jajmāni*, assim como estudos recentes sobre a oposição entre o poder mundano do rei e o poder transcendental do *brāhmaṇa*, segundo o *dharma*.

No quarto capítulo (“Yoga e Renúncia”) o autor faz um preâmbulo sobre as origens e características das tradições renunciantes na Índia, descreve o perfil ascético dos *keśins* e dos *vrātyas*, de que modo o desenvolvimento urbano do comércio e das comunicações propiciou o ascetismo errante contraposto ao ritualismo rural, as semelhanças e as diferenças entre as tradições *śramaṇas*, os aspectos ritualísticos e especulativos da renúncia nas *Upaniṣads*, e como *Brahman* é definido como um monismo impessoal. Questiona-se sobre as origens das doutrinas do *karma* e do *samsāra*, o modo pelo qual a “teoria ortogenética” relaciona o ritualismo védico e o ascetismo renunciante, assim como as proximidades e distâncias entre o *brāhmaṇa* e o renunciante. Flood faz considerações sobre as origens não-védicas da renúncia, as dimensões sociológicas e rituais da renúncia ortodoxa, o *modus vivendi* de ascetismos *vaiṣṇavas*, *śaivas* e *śāktas*, e também do monasticismo hindu estabelecido pelo filósofo Śaṅkara. Após uma breve definição de *yoga* como disciplina espiritual, o autor alude ao trato de algumas *Upaniṣads* sobre a *yoga*, às características conceituais e práticas da *rāja-yoga* e da *haṭha-yoga*, aos sentidos implícitos na anatomia esotérica da *yoga* do som interior, e a supostos poderes mágicos pressupostos da disciplina yóguica.

No quinto capítulo (“Tradições Narrativas e o Vaiṣṇavismo Antigo”) Flood aponta para as naturezas historiográfica e mitológica da tradição *Itihāsa-Purāṇa*, e apresenta estrutura textual, autoria, enredo, significado e objetivos das narrativas épicas do *Mahābhārata* e do *Rāmāyaṇa*, assim como dos *Purāṇas*, sua cosmologia, seu tempo

mitológico, seus materiais não-*brāhmaṇicos*, tântricos, védicos e não-védicos, o contexto histórico de sua compilação e do surgimento das tradições devocionais (*bhakti*). O autor também trata do desenvolvimento de um teísmo hindu na figura do deus Viṣṇu, das características e potencialidades teológicas da doutrina dos *avatāras*, dos elementos pluricausais e dos processos de construção das tradições *vaiṣṇavas* dos cultos a Vāsudeva-Kṛṣṇa, Kṛṣṇa-Gopāla e Nārāyaṇa, assim como os Vaikhānasas e os Bhāgavatas, além de questões de ortodoxia dentro do próprio universo *vaiṣṇava*, concluindo com a divulgação e o impacto da *Bhagavad-Gītā* no Ocidente e seus temas essenciais.

No sexto capítulo [“O Amor de Viṣṇu”] o autor destaca a importância da língua e da cultura tâmil, da religiosidade *bhakti* no sul da Índia, dos cultos Ālvārs e do *Veda* tâmil para o desenvolvimento de tradições do Hinduísmo. Flood aponta para as dimensões religiosas e sociológicas implícitas no termo *sampradāya* [“tradição”] e chama a atenção para a poesia e o êxtase *bhakti* nas tradições *vaiṣṇavas*, apresentando também suas histórias, características culturais e doutrinárias, líderes eminentes e lugares sagrados de movimentos do Vaiṣṇavismo, como os Śrī Vaiṣṇavas, os Gauḍīya Vaiṣṇavas, a Pusti Mārga, os Rādhāvallābhis, os Viṣṇusvāmis, as tradições devocionais Sant, o culto a Viṭhobā, o Vārkarī Panth e a ordem Rāmānandī.

No sétimo capítulo [“Religião Tântrica e Śaiva”] o autor apresenta o processo de incorporação de realidades culturais regionais não-védicas pela ortodoxia *brāhmaṇica* junto com o ascetismo e as tendências extáticas como características constituintes das tradições *śaivas*, aludindo ao status do Śaivismo dentro da ortodoxia védica. Flood descreve brevemente as representações iconológicas de Śiva, apresentando suas referências mitológicas mais antigas sob a designação de Rudra-Śiva, a significância de especulações *upaniṣádicas* na história do Śaivismo, e as principais características doutrinárias e históricas dos Śaivismos *purāṇico* e *pāśupati*. O autor trata as origens sócio-religiosas dos seguidores do Tantra, assim como de suas doutrinas, textos e proliferação na Índia, tratando da história, das doutrinas, das peculiaridades geográficas, dos rituais, dos textos, idiomas e práticas específicas do Śaiva Siddhānta e sua transformação numa religião devocional em Tamilnadu, do Śaivismo Kāpālika, da tradição Kaula e seus quatro sistemas de transmissão, da ideologia Trika, do Śaivismo da Caxemira, da cultura dos templos no tantrismo em Kerala, assim como da comunidade Liṅgayat.

No oitavo capítulo (“As Deusas e a Tradição Śākta”), Flood aponta para a falta de contornos definidos da tradição de culto à Deusa Suprema (Śāktismo), para as questões de gênero no Hinduísmo expressas no mito de Devī, e descreve várias manifestações iconológicas e rituais da Deusa, apresentando nomes de deusas e características de seus cultos em fontes védicas e arqueológicas. O autor discute os contornos de uma manifestação pan-indiana incorporada pela ortodoxia brāhmaṇica da Deusa Suprema nos *Purāṇas* e as principais características dos rituais de sacrifício e dos cultos tântricos à Deusa, abordando os traços históricos, geográficos, ritualísticos e cosmológicos das tradições Śrī Vidyā e Kālīkula, as naturezas simbólicas e heterodoxas do Tantra da mão esquerda, assim como a mitologia e geografia sagrada dos Śākta Pīṭhas. Por fim, Flood descreve a pluralidade iconológica, geográfica, semântica e mitológica dos cultos à Deusa nas aldeias indianas.

No nono capítulo (“O Ritual Hindu”) Flood ressalta a relevância do sentido e da identidade dos rituais hindus, bem como suas dinâmicas de transformação e resistência conjugadas com realidades geográficas, políticas, teológicas e sociais, discutindo a natureza ritualística dos *samskāras* segundo a ortopraxia do *dharma brāhmaṇico*. O autor apresenta os significados e procedimentos dos ritos de nascimento, iniciação védica, casamento e morte, as características ritualísticas da *pūjā* nos lares hindus e nos templos, elencando e mencionando aspectos gerais de festivais locais e pan-indianos. Alude a templos, cidades e rios como locais de peregrinação, assim como à relação entre astrologia e auspiciosidade. Trata também do sentido adquirido por rituais de sacrifício animal, das modalidades de pureza e impureza e suas implicações no ritual, da presença de atos de posse em rituais públicos, e da significância das naturezas verbal e transcendental dos *mantras*.

No décimo capítulo (“Teologia e Filosofia Hindus”) Flood apresenta as características ontológicas e epistemológicas gerais das escolas filosóficas ortodoxas (*darśanas*) do Hinduísmo, mencionando as primeiras manifestações especulativas védicas sobre a metafísica, e a determinância da gramática (*vyākaraṇa*) e da natureza sobrenatural da linguagem para a especulação filosófica hindu. O autor trata da problemática do Uno e do Múltiplo conjugada com a questão epistemológica da causalidade, assim como da relação entre as compilações aforismáticas dos *sūtras* e seus comentários em cada *darśana*,

apresentando os principais conceitos, teorias, correntes e fontes do *Sāṃkhya*, do *Mīmāṃsā*, do *Advaita Vedānta* e do *Dvaita Vedānta*, da teologia *śaiva* e seu status na filosofia ortodoxa do Hinduísmo, assim como um breve panorama do pensamento filosófico colonial e pós-colonial na Índia.

Após indicar as principais características do denominado *Renascimento Hindu*, Flood prossegue com o undécimo e último capítulo (“O Hinduísmo e o Mundo Moderno”) apresentando os principais traços biográficos, intelectuais e religiosos de Rām Mohan Roy e Dayānanda Sarasvatī, assim como um breve histórico do Brahma Samāj e do Ārya Samāj e seus efeitos sentidos ainda hoje na Índia. O autor destaca também as biografias e espiritualidades de Rāmakṛṣṇa Paramahaṃsa, Svami Vivekānanda e Mohandas Gandhi, e de que maneira religião e política se encontram nos pensamentos e atitudes deste último. Flood discute ideologias políticas e ações concretas de partidos políticos e organizações para-militares nacionalistas hindus, assim como a importância da diáspora hindu, do movimento das mulheres e de processos hindus de assimilação cultural para a concepção de Hinduísmo global. O autor traça um breve histórico da Indologia e do Orientalismo aplicado à Índia nos séculos XVIII e XIX, assim como da atuação dos líderes espirituais hindus de maior projeção no Ocidente no século XX.

Além de uma escrita que permite uma leitura clara e fluente que conta com o suporte de algumas gravuras ao fim do livro, as qualidades da obra de Flood repousam em dois aspectos marcantes, quais sejam, a capacidade do autor de conjugar o estudo de contextos históricos da Índia com a apresentação teórica de conceitos específicos do Hinduísmo, evitando, assim, os extremos de uma exposição excessivamente especulativa e teórica ou de análises contextualmente reducionistas que não consideram as potencialidades dinâmicas das tradições hindus no espaço e no tempo; assim como a capacidade da obra de ser não só acessível aos iniciantes em quaisquer dos temas apresentados como também importante para a reflexão de estudiosos ou especialistas em Hinduísmo.